

Cenário Internacional – Revisão do crescimento mundial pelo FMI. O Fundo Monetário Internacional (FMI) revisou as projeções de crescimento mundial em 2017, de 3,5% para 3,6%, e em 2018, de 3,6% para 3,7%. O aumento de 2017 foi puxado pelo melhor desempenho dos países desenvolvidos, como Estados Unidos e Japão, e da Europa. Para o próximo ano, o aumento deverá vir pela melhora no desempenho tanto de países desenvolvidos, como a Alemanha, quanto em desenvolvimento, como a Rússia.

EUA – Trump indica novo presidente do FED. Nos Estados Unidos, o republicano Jerome Powell, atualmente diretor da instituição, foi escolhido para suceder Janet Yellen como novo presidente do Banco Central norte-americano (FED) entre 2018 e 2022. Powell apoia a atual abordagem do banco quanto à política monetária e à regulamentação financeira, indicando que o gradualismo com o aumento dos juros deverá ser mantido, o que deve frear a alta do dólar e reduzir o estresse nos mercados internacionais.

Câmbio – Commodities e expectativa pelo presidente do FED como determinantes. A moeda brasileira encerrou outubro em R\$3,27/US\$1, desvalorização de 3,3% em relação ao fechamento anterior (R\$3,16/US\$1). No mês, dois fatores foram determinantes para explicar desvalorização: a queda no preço de algumas commodities, sobretudo o minério de ferro, e a valorização do dólar frente às moedas de vários países emergentes ao longo do mês. Isso ocorreu principalmente pela expectativa do anúncio do novo presidente do banco central norte-americano e os possíveis rumos da política monetária. Para o final do ano, a projeção da FIRJAN é de R\$ 3,13 /US\$1. Essa previsão considera a manutenção do gradualismo na política monetária americana, recuperação no preço das commodities e um cenário político sem mudanças bruscas nos próximos meses.

Contas Externas – Exportações e importações com expressivo crescimento. Refletindo o bom desempenho da economia mundial, em outubro, as exportações (+37,6%) seguiram crescendo acima das importações (+20,2%) na comparação interanual, resultando em saldo comercial superavitário de US\$ 5,2 bilhões (+121,7%). Esse resultado foi puxado principalmente pelos produtos básicos (+28,2%), como petróleo em bruto (+77,2%), soja em grão (+26,7%) e carne suína (+14,0%). No caso das importações, houve aumento de combustíveis e lubrificantes (+38,6%).

Inflação – Nível de preços se mantém em patamares historicamente baixos. A inflação medida pelo IPCA-15 variou +0,34% em outubro, resultado acima do observado em setembro (+0,11%). A aceleração do índice partiu principalmente do grupo Habitação (+0,66%, ante +0,26%), refletindo os reajustes nos combustíveis domésticos (+5,36%). Ainda assim, no acumulado do ano a variação foi de +2,25%, o menor resultado acumulado até outubro desde 2006 (+2,22%), ficando bem abaixo do registrado no mesmo período de 2016 (+6,11%). No acumulado em doze meses, a variação foi de +2,71%, ante +2,56% no mês anterior.

Em outubro, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central desacelerou o ritmo de redução da taxa básica de juros da economia de 1,00 p.p. para 0,75 p.p., atingindo 7,50% a.a., em linha com o esperado pela FIRJAN. Dessa forma, a FIRJAN mantém sua projeção de juros em 7,0% ao final de 2017. A projeção para o IPCA é de 3,2% em 2017 e 4,0% em 2018. A combinação de baixa utilização da capacidade instalada, que permanece ainda bem abaixo do patamar pré-crise, com elevado desemprego continua sendo o fator determinante, mesmo com a lenta recuperação da atividade. Em 2017, a alta safra agropecuária tem contribuído para uma inflação menor de alimentos, efeito que não é esperado para 2018. Diante do desemprego que ainda permanecerá elevado, esperamos que os preços de serviços continuem exercendo menor pressão sobre a inflação.

Política Fiscal – Atividade econômica impacta positivamente a arrecadação. No mês de setembro, o déficit primário do governo central – que inclui os resultados do Tesouro Nacional, Banco Central e Previdência Social – foi de R\$ 22,7 bilhões, frente a déficit de R\$ 25,2 bilhões no mesmo período de 2016. Vale destacar o aumento nominal (8,6%) da arrecadação na comparação setembro de 2016, resultado atribuído a recuperação da atividade econômica, ao parcelamento dos débitos tributários e aumento da tributação sobre combustíveis. No acumulado do ano até setembro, o déficit atingiu R\$ 108,5 bi, crescimento real de 4,2% na comparação com o mesmo período de 2016. Em que pese o efeito favorável das políticas macroeconômicas adotadas, a mudança da meta fiscal mostra que sem a reforma da previdência a sustentabilidade fiscal de longo prazo fica comprometida, na medida em que a dívida pública permanece em trajetória explosiva.

Indústria – Indústria mostra fôlego para continuar crescendo. Em setembro, a produção industrial brasileira mostrou avanço de 0,2% frente a agosto, na série livre de influências sazonais. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, houve o quinto crescimento consecutivo (+2,6%), contudo abaixo das expectativas da FIRJAN (+3,2%), com 18 dos 26 segmentos da indústria aumentando a produção na comparação com o mesmo mês de 2016. As principais influências positivas partiram de veículos automotores, reboques e carrocerias (+20,9%) e equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (+16,9%). No acumulado do ano até setembro, a produção industrial brasileira registrou alta de 1,6%, o melhor desempenho para o período desde 2013 (+2,8%). No acumulado em 12 meses, o índice avançou 0,4%, configurando o primeiro resultado positivo desde maio de 2014 (+0,3%).

No **Rio de Janeiro**, a produção industrial de agosto avançou 2,4% frente a julho, na série livre de efeitos do calendário. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, a produção caiu 1,8%, acumulando crescimento de 1,8% nos primeiros oito meses do ano, perdendo intensidade frente ao registrado até julho (+2,4%).

A principal influência para o crescimento no ano permanece sendo a Indústria Extrativa (+5,6%), em função da recuperação do setor de óleo e gás. A Indústria de Transformação, por sua vez, mantém-se estável na comparação com a produção observada entre janeiro e agosto de 2016. Entre os subsetores industriais, destaque para forte expansão dos segmentos de Metalurgia (+22,6%) e de Fabricação de Veículos Automotores (+28,4%), ambos voltados para o setor externo.

Mercado de trabalho – Informalidade reduz taxa de desemprego. A taxa de desemprego nacional, medida pela PNAD contínua, caiu para 12,4% no trimestre de julho a setembro, frente a 13,0% observado no trimestre móvel anterior. Esse resultado ficou próximo ao esperado pela FIRJAN (12,3%) e em linha ao esperado pelo mercado. A queda no indicador se deve ao crescimento dos trabalhadores do setor privado sem carteira assinada (+2,7%) e dos trabalhadores por conta própria (+1,8%). Apesar disso, a população desocupada é de 13,0 milhões de trabalhadores. Para o segundo semestre, esperamos que a taxa de desemprego continue a trajetória de queda, encerrando o ano em 12,0%.

O saldo da movimentação de empregos formais, por sua vez, foi positivo pela sexta vez consecutiva, de acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego. Em setembro, foram abertos 34,4 mil novos empregos, acumulando no ano 208,9 mil vagas criadas. No acumulado em 12 meses, entretanto, o saldo permanece negativo: -466,7 mil postos.

No **Rio de Janeiro**, a taxa de desemprego, medida pela PNAD Contínua Trimestral, atingiu 15,6% no segundo trimestre de 2017, o maior nível da série histórica iniciada em 2012. Ao contrário do que ocorre no Brasil, o estado do Rio de Janeiro seguiu fechando postos de trabalho formais em setembro (-4,8 mil) – 30º resultado negativo consecutivo. No acumulado do ano, foram fechados 81,5 mil postos de trabalho no Estado, maior saldo negativo entre as unidades da federação.

Bloco especial energia elétrica*



Consumo: O consumo de energia elétrica no Brasil apresentou aumento de +1,3% em setembro de 2017, frente ao o mesmo mês de 2016, conforme dados da Empresa de Pesquisa Energética (EPE). O mesmo crescimento foi observado na indústria. Entre os 10 segmentos industriais que mais consomem eletricidade, o setor automotivo registrou maior elevação, com +10,4%, seguido de produtos metálicos (exceto máquinas e equipamentos) (+6,7%), e produtos alimentícios (+6,4%). Por outro lado, a maior queda ocorreu na indústria química, cujo consumo sofreu retração de 5,9%. Na contramão do restante do país, o estado do **Rio de Janeiro** segue apresentando queda no consumo de energia. Em agosto, a queda foi de de -7.7%.



Geração: O nível médio dos reservatórios no SIN fechou o mês de outubro no pior patamar da série analisada (desde janeiro de 2001), 17,9%, devendo fechar novembro em 15,2%, segundo dados do ONS. No nordeste a situação é ainda mais crítica, com reservatórios em 6%. A região vem se sustentando especialmente através da energia eólica, que aumentou 54,9% em setembro, na comparação com o mesmo período de 2016. Com isso, a geração hidrelétrica correspondeu por 60% do total em setembro, menor valor observado na série, seguida por termelétrica (28,8%), eólica (11%) e solar (0,2%).



Custo: Em outubro, o custo médio da energia elétrica para a indústria no país atingiu patamar de 491,70 R\$/MWh, ficando estável em relação ao mesmo período de 2016. No Estado do Rio de Janeiro o valor é de 633,31 R\$/MWh, 29% superior à média nacional. No entanto, para os próximos meses a expectativa é de aumento no custo da energia. Diante das projeções de aumento do consumo e redução na geração hidrelétrica, a necessidade de geração termelétrica, mais cara, já levou ao acionamento da bandeira vermelha patamar 2 (maior patamar possível), no mês de outubro, sendo este mantido para novembro. Além disso, a ANEEL aprovou o aumento nos valores do adicional das bandeiras tarifárias, com o patamar 2 passando de +35 R\$/MWh para +50 R\$/MWh. Esse valor já passa a valer em novembro, impactando diretamente o custo do insumo.

*O Bloco Especial – Energia Elétrica é apresentado a cada dois meses neste Boletim.

EXPEDIENTE: Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) - Av. Graça Aranha, 01 CEP: 20030-002 - Rio de Janeiro. **Presidente:** Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira; **Diretor de Defesa de Interesse:** Cristiano Buarque Franco Neto; **Gerente de Estudos Econômicos:** Guilherme Mercês; **Coordenador da Divisão de Estudos Econômicos:** Jonathas Goulart; **Equipe Técnica:** Ana Thereza Costa, Anna Gaspar, Júlia Ornellas, Nayara Freire e Tomaz Leal. **Estagiário:** Claudio Lima. Informações: economia@firjan.com.br. Visite nossa página: <http://www.firjan.com.br/publicacoes/publicacoes-de-economia/default.htm>